Sumário:

O Autor

Agradecimentos,

Introdução,

O Tarrafeiro,

O Caboclo,

Espelhos,

Casario,

Cangaceiros,

Aratubaia,

A Espera,

Restinga,

Puxada de Rede,

Prosa,

O Vaqueiro,

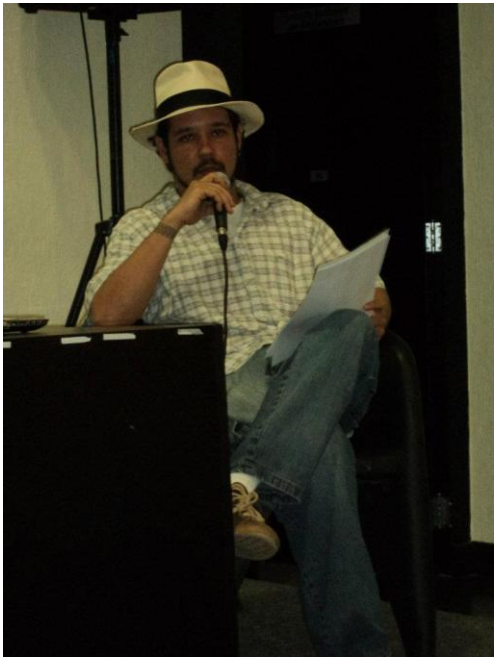
A Chegada,

O Autor:

Aidner Mendez Neves, o Luar do Conselheiro, nasceu em 21 de julho de 1983, no Rio de Janeiro, mas aos dois anos de idade veio para a Bahia, em Salvador; onde passou sua infância e pré-adolescência, passando suas tardes na Praia dos Artistas, na Boca do Rio, bem como na colônia de Pescadores desta sua adorada comunidade. Porém foi no início de sua adolescência, que conheceu os sertões e o movimento Armorial. A cidade de Uauá, no sertão da Bahia, passou a ser seu reduto escolhido, e lá descobriu sua própria identidade, sua gente e seus costumes; portanto, um Nordestino por opção.

Luar do Conselheiro é Cordelista, Escritor, Romancista, Roteirista, Compositor, Poeta e Cantador. Seus versos e canções retratam as lutas do povo sertanejo, e, sobretudo, o exemplo de Canudos. Participou do Prêmio Agenor Campos de Poesia, realizado na UCSAL pelo grupo cultural MACCACA; bem como de outros concursos, tendo seus versos agraciados com lugares de destaque.

Luar tem três livros publicados no Clube de Autores, “POEMAS CORDÉIS E CANÇÕES”, “EMANEMO-NOS” e “CORDELIZANDO O MUNDO TODO”. Diversos poemas publicados em diversas coletâneas e revistas, um artigo publicado em Portugal, além de escrever roteiros, artigos e peças.



Agradecimentos:

Agradeço acima de tudo ao Mestre Santinho por ter, de forma tão generosa, doado um pouco de beleza ao mundo e as nossas vidas com suas telas, verdadeiras visagens do sertão e do litoral, nos causando revoada de sensações que mesclam paz, saudade, alegria e música.

Á família do Mestre por me haver permitido fotografar as telas, A Marcus Costa Filho pelo apoio, a minha companheira Nayla Sampaio pelas correções e idéias.

Abraço especial para a Adriana Pereira Barbosa e Jonas Pereira Barbosa, filhos do mestre, e que foram meus colegas de sala no colégio quando pequeno.

Este livro tem a única intenção de louvar as obras do Mestre Santinho da Boca do Rio, que perecem fruto do descaso governamental frente a cultura popular.

Introdução



Desde bem pequeno, eu já conhecia José Galiza Barbosa, o Mestre Santinho. Seu barzinho em formato de barco era atração para meus olhos de menino, além das esculturas zoomórficas em cimento ou concreto, que ele fazia na frente do bar.

Nascido no dia 13 de Maio de 1944, Santinho foi um apelido dado por sua mãe. E foi com esse apelido de infância, que ele ficou conhecido até seus últimos dias.

Santinho era já um senhor em minha infância. Eu cresci no cotidiano praieiro da Boca do rio, até me formar rapaz e tomar minha primeira cerveja em seu "barco". Eu me sentia vivo na história por estar bebendo em um bar frequentado apenas por boêmios de idade, companheiros de infância do mestre ou amigos.

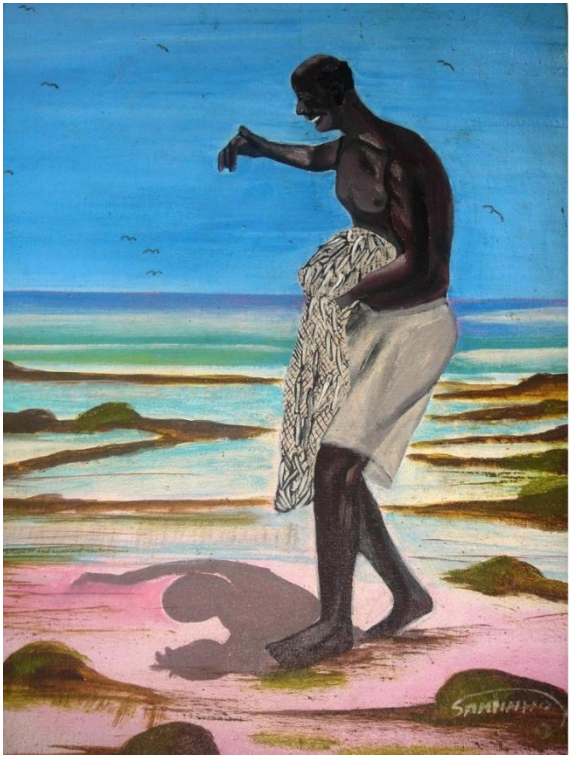
Além do bar e das esculturas, Santinho era mestre nas artes plásticas. O pintor que mais retratou a Boca do Rio; A pesca, a lida, a praia, o povo...

Passei a frequentar o seu bar e admirar suas telas, até que no dia 19 de Janeiro de 2009 o Mestre veio a falecer. Seu sepultamento contou com a presença da família enlutada, alguns poucos amigos além de mim, que fui pesaroso da perda para a cultura da comunidade e evidentemente, para o meu convívio e dos demais.

Após passar certo tempo, fui até o bar de Santinho para ver as telas. Quando cheguei, a viúva, Sra. Maria Luiza Pereira Barbosa me recebeu muito bem e ao me mostrar o lugar em que as telas estavam, notei que o material corria risco de estragar por conta da grande umidade que havia no local. Pedi permissão à família para fotografar todas as telas e tentar ajudar a vendê-las.

Porém um dia, resolvi fazer um livro com as telas, escrever um poema para cada uma delas e assim, agregar valor ao conjunto de pinturas. Pedi autorização à família para tal e aqui está.

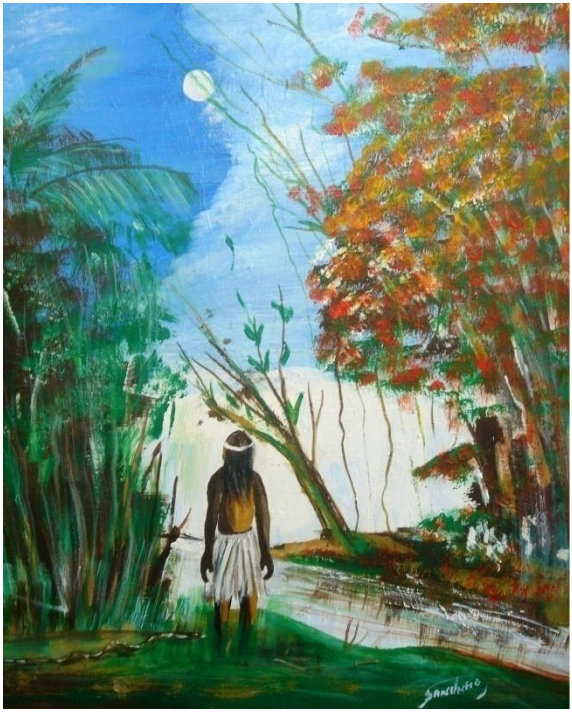
Todos os poemas contidos nesta página são de autoria de Luar do Conselheiro, criados no período de Fevereiro de 2011 em Brasília; lançando olhares poéticos por sobre as imagens projetadas em tela.



O Tarrafeiro

O Tarrafeiro

É o Balé do Povo! Diriam entusiastas.
É a dança que acompanha as marés
Bailado negro, diriam outros ainda
Arte autóctone... Tupis, Aimorés.
Os braços ágeis ameaçam lançar
Mas vão e voltam com o mesmo trançado
Até que os olhos se voltam brilhosos
Ao ponto correto de ser lançado
Os braços imitam a dança das águas
De traz para frente circunda o espaço
Os dentes libertam o peso do chumbo
E a rede é lançada qual malha de aço.
Ali é cercado o possível alimento
E é comemorado o erguer da labuta
O peixe é levado pro cesto na areia
E um canto a Iara na praia se escuta.



O Caboclo

O Caboclo

Seus pés pisam firme o chão

O chão que sabe ser seu

Ele brinca com chuva e trovão

Lá dentro do peito meu

“Na gameleira de Oxossi dá sombra”

Escuto o seu maracá

Todo mato, todo bicho se assombra

Com a pisada pesada que dá

Meu caboclo de alma ferida

Meu guerreiro de luta e de fé

Caminhemos de pé pela vida

Pela vida andemos a pé.